

GILBERTO FREYRE, MÁRIO e OSWALD DE ANDRADE
Vamireh Chacon

Universidade de Brasília

É conhecida a posição primeira de Gilberto Freyre diante da paulista Semana de Arte Moderna de 1922. José Lins do Rego testemunhou o amigo dizer-lhe que "o rumor da Semana de Arte lhe parecia muito de movimento de comédia, sem importância real. O Brasil não precisava do dinamismo de Graça Aranha, e nem da gritaria dos rapazes do Sul; o Brasil precisava era de se olhar, de se apalpar, de ir às suas fontes de vida, às profundidades de sua consciência¹".

Haveria muito estrangeirismo no circuito em torno principalmente de Oswald de Andrade, naquela fase casado com Tarsila do Amaral e com ela nas idas e vindas de Paris onde Gilberto vai encontrá-los na Place Clichy em 1923, quando Gilberto Freyre de volta dos Estados Unidos do seu bacharelado em Baylor e mestrado em Colúmbia a caminho do Brasil. Ateliê freqüentado pelos brasileiros Brecheret, Di Cavalcanti, Villa-Lobos, Sérgio Milliet, Paulo Prado, Vicente do Rego Monteiro e Ronald de Carvalho em vilegiaturas pela França. Rego Monteiro tinha também o seu na Rua Gros.

Para eles Paris era a festa da década de 1920 segundo Hemingway, em companhia dos escritores Blaise Cendrars, Jules Supervielle, Jean Cocteau, Jules Romains e Valéry-Larbaud; dos pintores Léger, Delaunay, Vollard e Lhote; dos compositores Erik Satie e Darius Milhaud. Milhaud trazendo do Rio de Janeiro, onde servira como diplomata na Embaixada da França durante a Primeira Guerra Mundial, a marchinha *Boi no Telhado*, transformada em *Boeuf sur le toit*, além dos ritmos de samba estilizados em *Souvenirs du Brésil*. Depois até Stravinsky freqüentaria o ateliê de Tarsila em Clichy. Eventualmente o próprio Picasso².

Cosmopolitismos um tanto nefelibatas, de uma geração que não era propriamente perdida como a estadunidense da época, *lost generation* no dizer de Gertrude Stein, e sim uma geração dourada, *jeunesse dorée* até mesmo ibero-latino-americana, quando Jorge Luís Borges estudava numa escola particular suíça ao mesmo tempo que Afonso Arinos de Melo Franco, enquanto Manuel Bandeira tratava-se no sanatório de Clavadel com Paul Éluard.

Os jovens dos Estados Unidos tinham vindo da Primeira Guerra Mundial, na qual combateram ao lado da França; os jovens brasileiros gozavam da disponibilidade de que Alceu Amoroso Lima — também em Paris antes, durante e depois — só se despediria para viver o absoluto na volta ao catolicismo e para ser o crítico literário do modernismo sob o pseudônimo de Tristão de Athayde. Com vistas também abertas para o regionalismo nordestino, no qual veio a descobrir *A Bagaceira* de José Américo de Almeida saudado como “romancista ao Norte”.

Em Lisboa, relata Gilberto em *Tempo Morto e Outros Tempos*, ainda em 1923 ele ouve os ecos da Semana de Arte do ano anterior, preparando-o para o próximo retorno ao Brasil.

Formavam-se dois grupos no Recife: um, o de Joaquim Inojosa no *Jornal do Commercio* trazendo ao Nordeste a mensagem paulista de 1922, e o de Gilberto Freyre no *Diário de Pernambuco*. Inojosa passaria grande parte do fim da vida a negar a existência do *Manifesto Regionalista* de 1926,³ apesar dos artigos de Gilberto sobre regionalismo, publicados no *Diário de Pernambuco* de 22 de abril de 1923 a 15 de abril de 1925, reproduzidos no livro gilbertiano em dois volumes, *Tempo de Aprendiz*, 1979, serem tudo do *Manifesto* de 1926 e muitas coisas mais.

Que o ânimo nordestino estava maduro, vê-se no número especial da revista *Ilustração Brasileira* do Rio de Janeiro, dedicado ao primeiro centenário da Confederação do Equador, junho de 1924, no artigo “Pernambuco e o Regionalismo Nordeste” de autoria de um certo Moraes Coutinho. Nele o autor distingue “federalismo centrífugo”, o dos estadualismos capitaneado pelos Estados mais ricos, e “federalismo centrípeto” ou “regionalista” a iniciar-se pelo Nordeste em termos de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, Nordeste Oriental, o Nordeste da Confederação do Equador, embora ainda lhe faltasse “clara consciência” das suas convergências culturais e históricas.

Racionalização do regionalismo, a partir do Nordeste, remontando ao prefácio de Franklin Távora ao seu romance *O Cabeleira*, 1876, e a Sílvio Romero na sua *História da Litera-*

tura Brasileira de 1888 e na monografia *O Brasil Social*, 1908, onde conclui: “não sonhemos um Brasil uniforme, monótono, pesado, indistinto, nulificado, entregue à ditadura de um centro regulador das idéias”. “A grandeza futura do Brasil virá do desenvolvimento autonômico de suas províncias, hoje Estados. Os bons impulsos originais que nele aparecem devem ser secundados, aplaudidos”. “Não se chama isto dividir a literatura nacional em duas; é apenas afirmar a unidade na multiplicidade⁴”.

Só depois floresceu o regionalismo paulista em Valdomiro Silveira, gaúcho em Simões Lopes Neto e goiano em Hugo de Carvalho Ramos, com respectivos seguidores ainda pioneiros pelo longamente inusitado da sua aparição num ambiente tendendo à uniformização irradiada dos dois maiores centros, de início o Rio de Janeiro, depois São Paulo com maior força. Esta tendência gerou e continua gerando protestos das periferias por vezes inclinadas até o separatismo, contra o centralismo também cultural, não só econômico e político. Em pleno fim do Século XX, término de toda uma fase histórica, a pesquisadora e professora da Fundação Getúlio Vargas, Aspásia Camargo, registra a recrudescência do fenômeno também no Brasil⁵, à maneira do que vem ocorrendo em muitos lugares do mundo.

Já em 26 de março de 1926, ano da Semana Regionalista do Recife, Gilberto Freyre sentia-se no dever de referir, no seu artigo “Nordeste Separatista” no *Diário de Pernambuco*, perguntas de “patriotas do Rio” a respeito da “idéia separatista no Nordeste”, que chegou a preocupar o próprio Presidente da República⁶.

Eram ecos do antevisto por Franklin Távora: “uma verdade irrecusável. Norte e Sul são irmãos, mas são dois. Cada um há de ter uma literatura sua, porque o gênio de um não se confunde com o do outro. Cada um tem suas aspirações, seus interesses, e há de ter, se já não tem, sua política”. Raciocínio de cearense radicado no Recife e, daí, no Rio de Janeiro, repetido senão ampliado por Euclides da Cunha, fluminense conhecedor do Norte e Nordeste, escrevendo *Os Sertões* no interior de São Paulo, onde concluía: “Duas sociedades (Norte e Sul) em formação, alheadas por destinos rivais — uma de todo indiferente ao modo de ser da outra, ambas, entretanto, evoluindo sob os influxos de uma administração única”. Note-se como Euclides, apesar de todo evolucionismo que professava, não diz que Norte e Sul “evoluíam” juntos...

Mário de Andrade, em conferência na Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores então no Rio de Janeiro, 1942,

plena época da centralização autoritária do Estado Novo, tentou amenizar a situação, ao pretender não ser lícito “esquecer todo o movimento regionalista aberto em São Paulo e imediatamente antes, pela *Revista do Brasil*”, muito menos “esquecer todo o movimento editorial de Monteiro Lobato⁷”. Na realidade Gilberto Freyre também publicava naquela revista desde os tempos de estudante na Universidade de Colúmbia e Monteiro Lobato elogiava-o em carta a Oliveira Lima⁸, louvores contrastando com a fúria lobatiana contra os modernistas paulistas adeptos, a seu ver, de “Mistificação ou Paranóia?”, título de célebre artigo dele na época.

Com certeza sabedores das restrições gilbertianas àquele modernismo, testemunhadas e relatadas por José Lins do Rego entre outros, ademais da tensão local no Recife com o grupo de Joaquim Inojosa ligado diretamente aos próceres do modernismo paulista aos quais convidava a visitarem o Recife, um deles, de passagem por Pernambuco, espalhara, com visível intenção de ridículo, ter ali presenciado propostas de substituir restaurantes por mocambos de palha, com “mucamas de xale encarnado e chinelo sem meia e que oferecessem aos fregueses água de coco no próprio coco, garapa de tamarindo, ao som não de *fox-trots*, mas de modinhas ao violão e cantigas de xangô...”

Prudente de Moraes, neto, modernista porém crítico, com Sérgio Buarque de Holanda na revista *Estética*, a quem foi contada a estória, logo a retransmitiu a Gilberto Freyre e tomou-se “de simpatia pelo movimento que o outro caricaturara”. Simpatia de Prudente de Moraes, neto, passando à prática ao colaborar com artigos sob o pseudônimo “Pedro Dantas” no jornal recifense *A Província*, no qual Gilberto reunira largo grupo local e nacional de simpatizantes⁹.

Outros ataques, em seguida os de “anacrônico”, mesmo os de “reacionário” dos paulistas mais entusiasmados com o futurismo de Marinetti, aliás um fascista militante no auge de Mussolini, vindo da Itália para pronunciar conferências de enorme repercussão, àqueles ataques Gilberto Freyre reservou anos depois a resposta, quando começavam a amainar as paixões nunca de todo dissipadas: “Não é exato ter eu, quando moço, iniciado um ‘movimento literário’ no Recife que tenha sido um movimento ‘tradicionalista’ ao mesmo tempo que antimoderno. Ao chegar, em ano já remoto, ao Recife, não dos Estados Unidos, mas da Europa, a orientação que procurei opor aos ‘ismos’ então em voga em nosso País, foi a de valorizar ao mesmo tempo estes aparentes contrários: região, tradição e modernidade¹⁰”.

Gilberto Freyre repudiava, em nome do Brasil real do povo, as concessões futuristas do Mário de Andrade que elogiava a industrialização vertiginosa da *Paulicéia Desvairada*, sem prever as contraditórias conseqüências deste processo mais claras para um sociólogo como Gilberto, só muito depois vindo a desenrolar-se, apesar da implicação, e de outras, continuarem escapando a epígonos do modernismo. Gilberto Freyre também repudiava a contradição de Oswald de Andrade em beneficiar-se de outro desconhecimento, o da também periferia carioca-paulista em relação a Paris, de modo a declarar-se histrionicamente “antropófago” dos estrangeirismos, enquanto ao mesmo tempo usava as técnicas surrealistas, por exemplo em *O Rei da Vela*, aprendidas nos tempos da parisiense Place Clichy onde Gilberto há muito o surpreendera...

Nada disto, é claro, invalidava os demais méritos dos Andrades, Oswald e Mário, que aliás não eram parentes, mas os dois movimentos, o regionalista e o modernista, viviam em constante tensão, à beira da polêmica, e nas polêmicas são inevitáveis os extremos de lado a lado. A ponto de Mário de Andrade não visitar Gilberto Freyre quando foi ao Recife, para prejuízo de ambos, pois Mário então empreendia levantamento nacional de cantos e contos populares brasileiros mais amplamente que o feito por Sílvio Romero, no que Gilberto poderia ter-lhe sido muito útil em indicações várias. Saiu perdendo a cultura brasileira neste desencontro. Observa-se uma leve, indireta referência gilbertiana a propósito, quando descreve o “primitivismo regionalista, mas de nenhum modo anedótico”, também “de modo nenhum etnográfico¹¹”; Mário limitara-se muito à Etnografia e Oswald de Andrade ainda mais à anedota da tropicália, versão cabocla da piada surrealista parisiense.

Já o regionalismo nordestino das décadas de 1920 e 1930 seria algo como “realismo romântico”, termo que Gilberto Freyre recorre a Jorge Amado, “espécie de busca do ‘real mais que o real’, de que falava Cocteau”. “Realismo” depois chamado de “fantástico” na América de fala castelhana de Juan Rulfo a Gabriel García Márquez e outros.

O que nunca impediu Gilberto de reconhecer as convergências, “ou antes, coincidências” entre a Semana paulista Moderna de 1922 e a Regionalista nordestina de 1926 do Recife, “quanto à técnica experimental”, também “uma reação contra as convenções do classicismo, do academicismo e do purismo brasileiros¹²”.

O relacionamento de Gilberto chegou, porém, a ser pessoal com Oswald de Andrade. Gilberto não se ofendeu, antes deli-

ciou-se com a *boutade* espirituosa oswaldiana, ao saber da morte do cangaceiro Lampião a tiros pela polícia em 1938: "Não adianta. Mataram Lampião mas Gilberto Freyre continua vivo...¹³" Ao término daquela época, a do Estado Novo truculento parafascista de Vargas, quando tanto Oswald quanto Gilberto e muitos outros foram vítimas das suas violências, Oswald de Andrade sentiu-se na obrigação de reconhecer em discurso num banquete oferecido por escritores resistentes democráticos em São Paulo: "Gilberto Freyre tornou-se assim o líder da Resistência nacional¹⁴".

Cessava tudo que as musas modernistas e regionalistas cantavam, um mais alto valor se alevantara, o da democracia sempre perseguida, mais uma vez ressurrecta.

Houve, porém, um elo direto entre modernismo, mais paulista que de qualquer outro lugar do Brasil, e regionalismo de nordestinos mas em torno do Recife, o elo Ascenso Ferreira. Mesmo incompreendido, até por isto atacado pela revista pernambucana sintomaticamente intitulada *Frei Caneca*, prócer das Revoluções jacobinas de 1817 e 1824. Em artigo "Ascenso, Traidor", de 17 de outubro de 1927, acusava-o de "remelexo com o Sul" e amizade com Mário de Andrade, além de ter dedicado o livro de poemas *Catimbó* a Joaquim Inojosa, ali apresentado como "precursor da modernidade em Pernambuco". E Ascenso declamara nas sessões de abertura e encerramento do Congresso-Semana Regionalista do Recife de 1926 e, no ano seguinte, fora repetir a dose em salões modernistas do Rio de Janeiro e São Paulo...

Outro elo, indireto neste caso, foi Alceu Amoroso Lima ao incluir *A Bagaceira* de José Américo de Almeida, "Romanista ao Norte", nos seus estudos críticos do modernismo. Também se deve mencionar Manuel Bandeira, antecessor tanto de 1922 quanto de 1926 nos dois caminhos a serem abertos pelo modernismo e o regionalismo, reconhecido e enaltecido por ambos.

Ascenso Ferreira, por sua vez, teve *Catimbó* de 1927 reconhecido por Mário de Andrade como "quintessenciando o regionalismo até o máximo", mesmo "caindo num particularismo exclusivista quase bárbaro".

Sérgio Milliet, mais cosmopolita que paulista no seu modernismo, por isso vibrou ao andar com Ascenso pelas ladeiras coloniais e barrocas de Olinda, declarando-o "rei dos mestres", "que aprendeu sem se ensinar", "a própria voz do Nordeste¹⁵".

E explica: "Assim na Idade Média não se ia incindigar da autoria dos ornatos da catedral, que eram de cada um mas

também eram de todos¹⁶". Melhor teria Milliet comparado Ascenso aos bardos e trovadores medievais, tão popularescos quanto ele, tão próximo em ritmos, mais que temas, dos folhetins de cordel ibéricos sobrevivendo ao longo de séculos no Nordeste brasileiro.

Idêntico entusiasmo o de Mário de Andrade por Ascenso Ferreira, dele dizendo como "no Brasil fazia tempo que a poética modernista andava sem novidade. Depois da primeira arrancada, cheia de tartuveios e enganos, umas tantas personalidades se fixaram em caracteres bem firmes e os outros foram se eliminando por si mesmos". Observe-se a data desta autocrítica de Mário de Andrade: 1927, explícito reconhecimento do ultrapassamento em vitalidade do modernismo centro-sulista pelo regionalismo nordestino. "Depois que as personalidades dos iniciadores se fixaram, só mesmo Ascenso Ferreira com este *Catimbó* trouxe pro modernismo uma originalidade real, um ritmo verdadeiramente novo. Esse é o mérito principal dele e a meu ver um mérito inestimável".

Mário de Andrade prossegue: "Ora, Ascenso Ferreira, em *Catimbó*, eleva ao máximo possível a tendência rapsódica da poesia brasileira. O 'Maracatu' chega a ser cantado". "Outro compromisso perigoso que Ascenso Ferreira desenvolveu ao paroxismo é o compromisso entre verso metrificado e verso livre". "Na notação popular, fortemente ritmada, Ascenso Ferreira é inexcusável¹⁷".

Na realidade, Manuel Bandeira da mesma tribo, da mesma taba pernambucana, delas sempre lembrado ao longo de décadas no Rio de Janeiro, já tinha mostrado como "o que Ascenso aproveitou do modernismo terá sido, com o verso livre, a versatibilidade de tom, as surpresas do *humour*, a poesia profunda de certos momentos da vida e da linguagem cotidianas¹⁸".

Sérgio Milliet irá ainda mais longe com Manuel Bandeira: "Na renovação poética do Brasil, já o observou Manuel Bandeira, o grupo do Recife (portanto, não só Ascenso Ferreira) escapou à influência imediata e imperialista dos modelos europeus. Da revolução que se iniciou em São Paulo só lhe interessou a liberdade conquistada¹⁹". Aquelas convergências ou coincidências reconhecidas por Gilberto Freyre na adoção das técnicas experimentais hostis às convenções clássicas, acadêmicas e puristas²⁰.

Mas a poesia de Ascenso Ferreira não é tão ingênua, no sentido "naif" do Douanier Rousseau, quanto aparenta à primeira vista. Gilberto Freyre me contou pessoalmente quanto o poeta também popularesco e regionalista dos Estados Unidos,

Vachel Lindsay, tinha contribuído, através dele Gilberto, para sofisticar o gosto de Ascenso pelas onomatopéias, recurso literário há muito empregado por Shakespeare em momentos como "hark, hark, the lark at heaven's gate sings".

Houve os desencontros de Mário de Andrade com Gilberto Freyre no Recife e os de Gilberto com Mário em São Paulo, havia tanta gente circulando naquela fase de grande efervescência intelectual. Mas no Rio de Janeiro Gilberto convive com o grupo de *Estética* — Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto — de quem se torna amigo íntimo, tanto quanto com Rodrigo de Meio Franco, ainda mais de Manuel Bandeira²¹.

Desencontros pessoais, até divergências, nunca impedindo que os caminhos de Gilberto Freyre, Mário e Oswald de Andrade, bem como ainda mais os de Ascenso Ferreira, deixassem de se cruzar²².

O principal momento de encontro intelectual entre regionalismo e modernismo, e entre Gilberto Freyre e Mário de Andrade, foi quando Mário enviou à Primeira Semana Afro-Brasileira, a do Recife de 1934, sua comunicação escrita "A Calunga dos Maracatus", ao lado das de Jorge Amado, Renato Mendonça, Édison Carneiro, Luís da Câmara Cascudo e do grupo de médicos sociais em torno de Ulysses Pernambucano. Além do antropólogo Melville J. Herskovits também da Escola de Colúmbia de Franz Boas, um dos pontos de partida gilbertianos²³.

Modernismo e regionalismo são dois marcos fundamentais do Século XX brasileiro. Sem esquecer, dentro deles, o mais a fim de Gilberto, Ribeiro Couto "menino de sobrado brasileiro antigo, patriarcal", descendente de portugueses, santista, praieiro e cosmopolita sem perder as raízes²⁴. Modernista capaz da fidelidade do *Sentimento Lusitano* e de *O Espírito de São Paulo*, nestes sentidos alma-irmã gilbertiana, muito mais que Oswald de Andrade ou mesmo Mário de Andrade.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1) "*Gilberto Freyre*", Gordos e Magros (Ensaio), *Edição da Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1942, p. 120*.

2) Vide *Maria Augusta Fonseca*, Oswald de Andrade (Biografia: 1890-1954), *Art Editora, São Paulo, 1990, pp. 129-131*.

3) *De Joaquim Inojosa* vide principalmente *Um Movimento Imaginário, Gráfica Tupy, Rio de Janeiro, 1972. Em geral O Movimento Modernista em Pernambuco, mesma editora e lo-*

cal, três volumes de 1968 a 1969 do mesmo autor com documentos do arquivo pessoal de Inojosa sobre a repercussão do modernismo paulista, mais que mineiro ou carioca, no Recife.

4) História da Literatura Brasileira, Instituto Nacional do Livro — Livraria José Olympio Editora, Brasília — Rio de Janeiro, 7.^a ed., 1980, 1.^o vol., pp. 151 e 152.

5) “O Virus da Secessão”, entrevista de Aspásia Camargo a Maurício Dias, Isto é, São Paulo, 18 de novembro de 1992.

6) “Vinte e Cinco Anos Depois”, Manifesto Regionalista de 1926, Edições Região, Recife, 1952, p. 9.

7) O Movimento Modernista (Conferência lida no Salão de Conferência da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil), Edição da Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1942, p. 26.

8) Vide “Prefácio” a Gilberto Freyre (Notas Biográficas com Ilustrações, inclusive Desenhos e Caricaturas) de autoria de Diogo de Mello Meneses, Edições da Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1944, pp. 7 e 13.

9) “Vinte e Cinco Anos Depois”, ob. cit., pp. 10 e 11.

10) “A propósito de Pintores e das suas Relações com a Luz Regional”; Vida, Forma e Cor; Livr. J. Olympio Edit., Rio de Janeiro, 19-62, p. 215.

11) Introdução a Região e Tradição, vol. 29 da Coleção Documentos Brasileiros da Livr. J. Olympio Edit., Rio de Janeiro, 1941, reproduzida em Vida, Forma e Cor., pp. 187 e 188.

12) Idem, pp. 187 e 188.

13) Gilberto Freyre recordava-o bem humoradamente em “Menos Especialista que Generalista” in Gilberto Freyre na UnB (Conferências e Comentários de um Seminário Simpósio Internacional realizado de 13 a 17 de outubro de 1980), Editora Universidade de Brasília, 1981, p. 149.

14) “Saudação de Oswald de Andrade a Gilberto Freyre no banquete a este oferecido por escritores paulistas no Auto-

móvel Club de São Paulo em 23 de junho de 1946”, anexa a Seis Conferências em Busca de um Leitor, Livr. J. Olympio Edit., Rio de Janeiro, 1965, pp. 179 e 180.

15) “Prefácio” à 2.^a ed. de *Catimbó* in *Poemas* (1922-1953), *sem ref. à editora, Recife, 1953, pp. 7-9.*

16) *Idem, pp. 7-9.*

17) *Ibidem, pp. 13-18.*

18) *Ibidem, pp. 7-9.*

19) *Ibidem, pp. 7-9.*

20) *Introdução a Região e Tradição reproduzida em Vida, Forma e Cor, obs. cit., pp. 187 e 188.*

21) “*Vinte e Cinco Anos Depois*”, *ob. cit., pp. 10 e 11.*

22) *Neroaldo Pontes de Azevedo mostra-o em Modernismo e Regionalismo (Os Anos 20 em Pernambuco), tese de doutoramento na Universidade de São Paulo publicada pela Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, João Pessoa, 1984, passim.*

23) *Vide Estudos Afro-Brasileiros (Trabalhos apresentados ao 1.º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934), dois tomos, Ariel Editora, 1935, e Civilização Brasileira Editora, 1937, ambas do Rio de Janeiro.*

24) “*O Romântico Ribeiro Couto*”, *Jornal do Commercio, Recife, 10 de fevereiro de 1963, artigo incluído por Edson Nery da Fonseca em Pessoas, Coisas & Animais, Editora Globo, Porto Alegre — Rio de Janeiro, 1981, p. 69.*